

# A METAFUNÇÃO TEXTUAL NOS QUADRINHOS DO CHICO BENTO

Shirley Vieira

Doutoranda em Língua Portuguesa (UERJ)

soushirley@gmail.com

**RESUMO:** Um dos principais problemas enfrentado pelos professores em sala de aula é a falta de habilidade dos alunos em compreender e interpretar textos. Essa situação mostra-se ainda mais complicada quando os estudantes são confrontados com gêneros textuais menos habituais no contexto escolar. Com as tirinhas de humor, a situação não é diferente. Pesquisas mostram que, apesar de tratar de um gênero relacionado à diversão, os alunos apresentam as mesmas dificuldades interpretativas. Nesse sentido analisamos tiras humorísticas utilizando como base a teoria funcionalista de Halliday. Salientando a metafunção textual, observamos na estrutura temática que o humor se concentra no rema, mais precisamente na informação nova, que geralmente não é compartilhada pelas personagens, causando assim, a comicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** tirinhas de humor, funcionalismo, Halliday, metafunção textual.

**ABSTRACT:** One of the main problems founded by teachers in the classroom is the lack of ability of students to understand and interpret texts. This situation becomes more complicated when students are confronted with less habitual textual genres in classroom. There is no different with comic strips. Some research shows that, although it is a genre related to entertainment, the students have the same interpretive difficulties. Accordingly, we analyze comic strips using as a basis the functionalist theory of Halliday. Focusing on the textual metafunction, we observed the thematic structure of humor focuses on rheme, specifically the new information that is not generally shared by the characters, which causing the comic.

**KEYWORDS:** comic strips, functionalism, Halliday, textual metafunction.

## INTRODUÇÃO

Uma tendência percebida há algum tempo é a fusão de imagem e texto em veículos de comunicação. Reconhecemos que somos seres imagéticos, e a linguagem não verbal muito nos ajuda a compreender os diversos textos produzidos em nossa sociedade. Observamos cada vez mais presente em provas de vestibulares, concursos e na sala de aula, um gênero que, até algum tempo, não estava inserido no contexto escolar. Trata-se das tiras de quadrinhos.

Devido a essa entrada recente nas instituições escolares, e mesmo à falta de contato de nossas crianças com esse tipo textual, percebe-se algumas dificuldades de se interpretar tais textos. Muitas vezes restritos ao seu objetivo principal - o humor, muitos leitores os observam de modo bastante descompromissado, sem, muitas vezes, compreenderem o sentido que lhes traz a anedota.

Por se tratar de um gênero textual com poucas palavras, e com objetivo de provocar riso, é preciso que a mensagem seja organizada e compreendida de modo bastante breve pelo leitor. Uma característica muito importante são as ilustrações, que, como recurso semiótico não verbal, ajudam na compreensão de diversas situações, dispensando o uso de palavras, otimizando, assim, as narrativas de tal gênero.

Observando o gênero textual em questão, e, pautados na linguística sistêmico funcional, buscaremos analisar, neste trabalho, algumas tirinhas da personagem Chico Bento, de Maurício de Souza, com objetivo de observar o foco do humor nelas contido.

Para isso, nos concentraremos na metafunção textual, que se articula em dois componentes: o *tema* e o *rema*. Acreditamos que o ponto central para criar o efeito humorístico está presente neste último, mais precisamente, na *informação nova*, que geralmente não é partilhada pela personagem, causando assim, o efeito cômico.

Neste trabalho procuraremos, ainda, observar como se dá a progressão temática, considerando a brevidade do gênero em questão.

## GÊNEROS TEXTUAIS

Os diversos gêneros textuais estão presentes na língua à disposição de seus usuários, para que possam utilizá-los nos mais variados contextos sociais. São

instrumentos eficazes da linguagem e refletem a necessidade dos falantes de comunicar-se nas mais diversas situações diárias.

Para Bazerman, *Apud* Novelino (2006), gêneros não são simplesmente formas,

Gêneros são formas de vida, maneiras de ser. São enquadres para ações sociais. São ambientes para aprendizagem. São locais dentro dos quais o significado é construído. Gêneros dão formas a pensamentos que formamos e nos dirigimos para criar ações comunicativas compreensíveis na interação e são os nossos guias para explorar o desconhecido. (p. 384)

Nesse sentido, entendemos os gêneros textuais como o lugar de interação, onde os indivíduos dão forma à língua que usam; aos jogos interativos da linguagem, que fazem parte da cultura na qual estão inseridos.

Considerando sua função social, muitos educadores percebem a necessidade de se ensinar os diversos gêneros textuais na escola. Porém, segundo Kress, *Apud* Novelino (2006),

uma das principais considerações para o desenvolvimento de uma abordagem de gênero com objetivos educacionais e políticos deve levar em consideração “o que um indivíduo necessita saber sobre letramento, que habilidades são necessárias, para que esse indivíduo funcione em todo o seu potencial, efetivamente, numa sociedade letrada, desenvolvida tecnologicamente”. (p. 386)

O autor enfatiza ainda que letramento não se restringe ao mero reconhecimento das letras do alfabeto, nem ao fato de saber ler e escrever, mas à habilidade de usar, eficazmente, as funções que a língua exerce na sociedade. Na perspectiva de Halliday, as funções de interação e experimentação do mundo, estão ligadas ao modo como expomos ao mundo nossos pensamentos compreensíveis às pessoas ao nosso redor, exercendo os diversos papéis sociais que nos cabe, como comprar algo, escrever uma carta ou convencer alguém de algo.

Nesse caso, para que as tirinhas de humor sejam compreendidas, é preciso que o leitor tenha essa experimentação de mundo, reconheça seu objetivo – o de contrariar uma determinada lógica para provocar riso. É preciso que o leitor tenha a habilidade de compreender as entrelinhas, os pressupostos, enfim, os mais refinados recursos que constroem o humor.

## AS TIRINHAS DE HUMOR

Diversos trabalhos tratam o humor contido nos quadrinhos e tirinhas, observando alguns aspectos acerca desses gêneros textuais, como sua compreensão, os recursos para provocar o riso e ainda seu uso em sala de aula.

Nepucemo (2005) apresenta uma dissertação na qual analisa a categorização dos quadrinhos, procurando definir as diferenças entre estes e outros tipos textuais. O tema da pesquisa é a análise textual-discursiva de textos quadrinizados conhecidos como tiras, focalizando o aspecto da narratividade e do humor, considerando as linguagens visual e verbal.

Nesse trabalho, a autora aponta alguns mecanismos que levam ao riso, demonstrando que as tiras provocam momentos de descontração e bom humor. Noções como pressuposição, inferências, ironia, carnavalização, dentre outras, são algumas estratégias que levam os textos à função humorística. No caso das tirinhas, esses mecanismos também são essenciais para se entender como o humor acontece nesses textos.

Quitau (2007) também apresenta uma dissertação sobre a leitura de tirinhas em provas de vestibular da Unicamp. A autora busca, com esse trabalho, observar e analisar as estratégias de leitura dos candidatos e os caminhos construídos por eles para se chegar as suas respostas. Para ela, a análise feita a partir de tirinhas de humor, pode ser muito produtiva, pois exige do leitor, conhecimentos da Língua Portuguesa e reflexão sobre a sociedade na qual está inserido

Em relação ao conteúdo temático, são temas do dia-a-dia do candidato, como economia, sexo, política, relacionamento etc. As tirinhas, porém, devem ser lidas numa sequência, ao contrário do que acontece com outros tipos de textos, como o jornal.

A autora chega à conclusão que, mesmo sendo um gênero associado à diversão, os candidatos não se comportam do mesmo jeito, ou seja, como leitura cotidiana de tirinhas em gibis, jornais, revistas.

A autora acredita que novos gêneros devem ser trabalhados em sala de aula, incluindo as tirinhas, e que estas sejam trabalhadas no sentido de as situações serem interpretadas e não somente servirem de pretexto para as tradicionais atividades gramaticais.

Oliveira (2012) ressalta o uso dos textos em quadrinhos como recurso pedagógico, considerando a forte presença desses gêneros em testes de vestibulares e inclusive mencionado no PCN de Língua Portuguesa.

Ela diz que, por se tratar de um objeto de estudo recentemente inserido no quadro da investigação linguística, percebe-se a falta de clareza quanto à sua nomenclatura, podendo ser citada, dentre outros, como tira, tira cômica, tirinhas etc. Até mesmo sua particularidade é contestada, já que alguns autores a consideram um subgênero dos quadrinhos.

Quanto a sua forma de representação da linguagem, apesar de se utilizar da escrita, nota-se nas tirinhas fortes marcas da oralidade, como bem observa a autora:

Assim, os gêneros em quadrinhos são concebidos por meio da escrita, mas procuram representar a fala, principalmente do cotidiano. Daí o uso abundante de recursos linguísticos como interjeições, reduções vocabulares, onomatopéias, recursos visuais como letras dobradas e destacadas (negrito, itálico, sublinhada, formato maior) que visam dar ênfase a uma ideia que a escrita convencional não consegue registrar; além de recursos lexicais, como a escolha vocabular dos personagens. (p. 48)

Já em relação à integração entre linguagem verbal e linguagem não verbal, observamos que estas atuam na operação dos significados. Na leitura e compreensão de uma tirinha em quadrinhos, como em qualquer processo interpretativo, são ativados recursos linguísticos, cognitivos e interacionais. Por se tratar de textos curtos e que usa mais de um tipo de linguagem, esses recursos não atuam de modo isolado, sendo preciso ativar mecanismos que impulsionem a produção do conhecimento, captando o maior número possível de pistas verbais e não verbais ali contidas.

## **A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Há algumas décadas, foi criada uma teoria que veio defrontar o pensamento formalista presente até então. A teoria funcionalista diferencia-se por conceber a língua como instrumento de comunicação, e não como objeto autônomo, como encarado na tradicional corrente formalista. Esses novos teóricos afirmam que a língua é, na realidade, uma estrutura intrinsecamente condicionada às diversas situações sócio-comunicativas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas com o propósito de atingir diferentes objetivos.

No funcionalismo, diversas correntes podem ser observadas; a mais notável, porém, é a Teoria Sistêmico-Funcional (doravante LSF), cujo precursor foi Michael Halliday. Essa teoria busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua, procurando chegar, assim, à resposta do porquê um falante escolhe determinados itens dentre tantos disponíveis nessa língua para compor seu enunciado.

Na visão hallidiana, a língua deixa de ser um mero conjunto de regras ou uma representação do pensamento, sendo vista como um sistema de construção de significados. Nesse caso, a linguagem é o próprio lugar de interação, visto que através de seu uso, podemos interagir com o outro. É neste processo interativo que significados são construídos e reconstruídos a cada vez que o sistema é acessado, atribuindo à linguagem, um caráter dinâmico.

Neves (1997) acrescenta que para Halliday,

(...) uma gramática funcional é essencialmente uma gramática “natural”, no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, através das gerações, têm dado forma ao sistema. (p. 62)

Um dos pontos mais inovadores de Halliday é a elaboração das três funções (ou metafunções) que estruturam o contexto conversacional, equilibrando o ato de fala em a) representação (metafunção ideacional), b) troca (metafunção interpessoal) e c) mensagem (metafunção textual).

A metafunção ideacional representa a nossa experiência acerca do mundo exterior, ou seja, a percepção que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior. A metafunção interpessoal está relacionada à representação das relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de interlocução entre os falantes. A metafunção textual está relacionada à capacidade que o falante tem de criar textos, e o ouvinte ou leitor de distinguir um texto, de um conjunto aleatório de frases.

## **A METAFUNÇÃO TEXTUAL**

Na LSF, o texto é o resultado de nossas intenções comunicativas. Gouveia (2007) deixa claro sua importância, quando diz que,

(...) Encarado, na sua dimensão comunicativa, como linguagem que é funcional, o texto é o resultado de toda e qualquer situação de interação, isto é, é ele próprio a forma linguística de interação social, uma unidade de uso linguístico. De extensão variável, falado ou escrito, individual ou coletivo, composto de apenas uma frase ou de várias (a extensão não é relevante), o texto é o que produzimos quando comunicamos. (p. 18)

A metafunção textual organiza em mensagens as metafunções ideacional e interpessoal, estruturadas em dois sistemas paralelos e inter-relacionados. São eles: a estrutura da informação, inserida no conteúdo; e a estrutura temática, observada no nível das orações; realizadas no nível lexicogramatical. Desse modo, essa metafunção age como signo orientador, organizando as ideias do locutor e a leitura (compreensão) do interlocutor.

A estrutura da informação envolve o conhecimento dado, compartilhado pelos interlocutores, constituindo aquilo que é previsível pelo contexto; e a informação nova, ou seja, aquilo que é desconhecido para o leitor/ouvinte a partir do discurso precedente.

Na estrutura temática, podemos observar três tipos de temas:

- a) *Tema ideacional ou experiencial*: é o primeiro elemento experiencial (participantes, processo ou circunstâncias) no início da oração. Alterando-se um desses elementos na posição temática, muda-se o efeito de sentido da mensagem, pois troca-se o ponto de partida.
- b) *Tema interpessoal*: é representado por um elemento interpessoal, e pode aparecer em frases QU, vocativo, adjunto modal, orações mentais em 1ª pessoa, metáforas gramaticais.
- c) *Tema textual*: tem a função de conectar orações. São as conjunções coordenativas e subordinativas, pronomes relativos, sequenciadores que estabelecem vínculo coesivo com o discurso, também relacionam uma oração dependente à oração principal.

Temos ainda o tema múltiplo, que ocorre quando há presença de outro tema, além do ideacional. Quando só existe o ideacional, ele é chamado de tema simples.

Na estrutura temática, a oração divide-se em duas partes: o *tema* e o *rema*. O tema está, geralmente, em posição inicial, funciona como ponto de partida da mensagem. O rema é a parte da oração que desenvolve o tema.

O tema é considerado marcado quando se apresenta como processo ou circunstância. Ele ganha proeminência textual.

Tema não marcado ocorre na oração em ordem direta dos termos, ou seja, o tópico é o grupo nominal que exerce a função de sujeito. Nas orações declarativas, o tema não marcado é expresso em estruturas com elemento QU declarativo. Nas orações interrogativas e imperativas, o tema é sempre não marcado.

Entre as estruturas da informação e a estrutura temática, percebe-se uma relação semântica, de modo que, geralmente, o tema coincide com o elemento dado; e o rema corresponde ao novo, que se revela na informação.

## PROGRESSÃO TEMÁTICA

Sob a ótica da LSF, a progressão temática ocorre em sequências ou padrões de temas ideacionais não marcados nos textos. Segundo Galloulkydio (2012), “trata-se de uma alternativa de desenvolvimento de parágrafos e um método para o desenvolvimento dos textos” (p. 30). Subdividem-se em três, os tipos de progressão temática:

- a) *Padrão com tema constante ou contínuo*: o tema ideacional, que pode ser retomado por pronomes, sinônimos, repetições ou elipse, mantêm-se o mesmo ao longo de uma sequência de orações. A informação é construída pelo rema.
- b) *Padrão linear*: em série, um elemento presente no rema da oração anterior passa a ser o tema da oração subsequente. É uma eficiente estratégia no estabelecimento da coesão textual.
- c) *Subdivisão do tema*: um elemento do rema da oração anterior é desdobrado em temas das orações subsequentes.

Deve-se observar que, para que o texto seja compreensível, é necessário que haja equilíbrio entre as informações dadas, representadas no tema; e os elementos novos, canonicamente, trazidas pelo rema.

## METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho, selecionamos algumas tirinhas do Chico Bento, famosa personagem de Maurício de Souza. A escolha dessa figura deu-se pelo fato de trazer nos textos a marca linguística do dialeto caipira. Acreditamos que a tentativa de representação dessa variedade gera um clima propício à contextualização das personagens.

Acreditamos que o humor está, na maioria das vezes, relacionado ao rema, mais precisamente na informação nova. Isso porque o dado é o elemento de conhecimento compartilhado pelos interlocutores, o que é previsível pelo contexto. O novo, por sua vez, carrega uma informação desconhecida, imprevisível para o leitor, que, especificamente nas tirinhas de humor, coincide com o ponto de impasse comunicativo, que provoca o riso.

Julgamos que o tema na tirinha aparece contextualizando o fato de humor. O rema, por sua vez, auxilia na contextualização, mas em seguida, ocorre a quebra da lógica semântica, gerando assim o riso. Nesse sentido, procuramos analisar o modo como se dá a progressão temática, para entendermos melhor como se constrói o humor das tirinhas.

## ANÁLISE DAS TIRINHAS

Para a compreensão do conteúdo das tirinhas e, principalmente, da intenção humorística de tal texto, é preciso que o leitor partilhe de um conhecimento de mundo nele inscrito.

Quanto à estrutura temática, notamos que, por se tratar de um tipo textual bastante breve, o tema é bem restrito: um ou dois por tirinha. Também observamos que o lugar temático é raro. Isso porque tal gênero, na maioria das vezes, tem característica atemporal, podendo ser compreendido fora do momento em que foi escrito.

Observemos o desenvolvimento do tema nas análises a seguir:

a) Tirinha 1:



No texto acima, todo o enredo circula em torno de um único tópico: quantas cabeças de gado cada pai possui. O humor está presente na expressão *cabeças de gado*,

ao que o interlocutor, no caso o Chico Bento, a entende literalmente, como um ou vários bois sem o corpo. Isso baliza sua resposta e explicita a má compreensão, que é notada somente na última oração, encerrando assim, o diálogo.

Observemos o quadro com as frases contidas no diálogo em questão:

TEMA	REMA
1 Meu pai	Tem oitocentas cabeças de gado
2 E o seu?	
3 O meu pai	Só tem um boi
4 Mas ele	Tá inteirinho

Na primeira tirinha, temos, inicialmente, um tema ideacional não marcado. O rema é uma informação nova e será ela o ponto de conflito do texto, causando o efeito cômico. Na oração 2, observamos um tema múltiplo, ou seja, há aí, a presença de um tema textual, a conjunção e, mais o tema ideacional não marcado, representado pelo pronome seu. Quanto ao rema dessa oração, consideramo-lo vazio, já que fica subentendido no rema anterior. Trata-se de uma informação implícita, retomada da oração precedente.

A terceira oração é composta por tema ideacional não marcado e, no rema, observamos uma informação nova, enunciada pela personagem. A última oração é composta por tema múltiplo, textual, com a conjunção mas, e ideacional não marcado. O rema fecha o texto com uma informação nova, a qual encerra o efeito humorístico por representar um conhecimento de mundo compartilhado pelos leitores, mas não pela personagem. Trata-se de uma ambiguidade retomada pelo rema da primeira oração, com a expressão *cabeça de gado*, ao que Chico Bento reitera que seu pai não tem somente a cabeça, mas o boi completo.

Quanto à progressão temática, temos, nessa tirinha, um padrão com tema constante, com temas ideacionais ou múltiplos, sendo a informação sempre construída no rema.

b) Tirinha 2:

## Turma da Mônica Maurício de Sousa



Neste caso, observa-se pouco diálogo, porém a frase escrita no cartaz circunda todo enredo. O humor fica evidenciado no fato da personagem não ter violado a mensagem de proibição do cartaz. Isso mostra que o objetivo exposto na mensagem proibitiva seria *não apanhar as goiabas* e não o fato de simplesmente subir na goiabeira. Houve aí, a ludibriação do método, não do objetivo de subtrair as frutas. A tirinha apoia-se bastante na linguagem não verbal, seja pela expressão de reprovação da personagem Nhô Lau, dono da goiabeira; seja pelo gesto de Chico Bento, de subir em cima do Zé Lelé, ação essa reforçada pela linguagem verbal, embora dispensável para compreensão da narrativa. Observemos abaixo como se estrutura esse diálogo:

	TEMA	REMA
1	Proibido	Subi na goiabeira
2	Mais eu	Num subi na goiabera
3	(eu)	Subi no Zé Lelé

Quanto à organização temática, temos, na oração 1, um tema ideacional marcado. O rema traz uma informação nova, que será responsável pela polêmica geradora de humor. A oração 2 traz um tema múltiplo, textual pela conjunção *mas* (no texto, representada pela transcrição da variante fonológica *mais*) e um tema ideacional não marcado. O rema traz também uma informação nova, adicionada ao rema da primeira oração.

Na terceira oração, vimos um tema ideacional não marcado, representado pela elipse do pronome pessoal *eu*. O rema que finaliza o texto humorístico traz novamente uma nova informação, que não deixa brechas para a continuação do diálogo.

Observamos, aqui, uma progressão temática com padrão contínuo, sendo acrescentado sempre ao rema, uma informação nova.

c) Tirinha 3:



Nessa terceira tirinha, observamos uma não correspondência entre a personagem e sua mãe acerca do real objetivo das histórias de ninar. Chico Bento, ao ouvir as narrações, quer saber os finais, mas todo adulto sabe que, na verdade, a criança deve dormir antes que os contos se encerrem, podendo até mesmo o contador “esticar” o enredo a fim de cumprir seu objetivo. Essa disparidade fica bastante clara na linguagem não verbal, ao observarmos a expressão da mãe de Chico.

	TEMA	REMA
1	Mãe, hoje ocê	Pode contá uma história bem curtinha!
2	Mas pru que Chico?	Pru que cas história grande
3	Eu	Cabo drumindo na metade
4	I (eu)	Fico sem sabé dos finar

Na estrutura temática observada nesta tirinha, temos na oração 1, um tema múltiplo, iniciado por um vocativo e em seguida, dois temas ideacionais: uma circunstância e um participante. Temos aqui um tema marcado, já que se inicia por circunstância. O rema expõe uma informação nova, contextualizando o diálogo.

A segunda oração traz um tema múltiplo: um textual, com a conjunção *mas*, um tema ideacional marcado, que expressa circunstância *pru que* e ainda outro tema interpessoal, o vocativo *Chico*. No rema temos uma informação dada, que pode ser subentendida pela negação do rema da primeira. Na terceira, observamos tema ideacional não marcado e rema com uma informação nova.

Por fim, na oração 4 temos um tema múltiplo: um textual com a conjunção *e* (representada graficamente por ‘*i*’) e um tema ideacional elíptico não marcado, que seria o *eu*. No rema encontramos um informação nova, na qual se estabelece a incoerência humorística da tirinha.

Apesar de diferenciar-se um pouco das duas primeiras tirinhas, por apresentar mais temas múltiplos, a progressão temática permanece com padrão contínuo, sendo a informação exposta no rema.

Por outro lado, assim como as duas primeiras, observamos também que o humor, gerado pela incoerência, ambiguidade ou pelo conhecimento não compartilhado pela personagem, está contido no rema, ou a ele relacionado.

d) Tirinha 4:



Nessa tirinha notamos uma ambiguidade, em que a palavra *barbeiro* (o profissional que corta o cabelo dos homens), é também a que designa, popularmente, o inseto que transmite a Doença de Chagas.

Em relação à tematização, temos:

	TEMA	REMA
1	Chico... ocê	Tá muito cabeludo.
2	(você) Percisa	Cortá o cabelo.
3	(eu)	Num quero, mãe!
4	A fessora	Falô que
5	O barbero	Transmite a doença di chaga.

A estrutura temática da tirinha dá-se do seguinte modo: na oração 1, temos um tema múltiplo: um interpessoal, que apresenta um vocativo e um ideacional não marcado. No rema, ao que parece padrão nas tirinhas, observamos que este contém sempre a informação nova.

Na oração 2, temos um tema ideacional não marcado elíptico, já que o pronome *ocê* fica implícito. Novamente, no rema, observamos uma informação inédita. O tema da oração 3, por sua vez, é ideacional não marcado, mas também não é exposto, é subentendido. A oração 4 é composta por tema ideacional não marcado e temos no rema uma informação nova.

Por fim, na oração 5, o tema ideacional apresentado é não marcado. O rema encerra o diálogo com a informação nova que causa uma ambiguidade, construindo o efeito humorístico.

Desse modo, observamos, conforme nossa expectativa, que o humor encontra-se, geralmente, no último rema exposto. Essa tirinha, em particular, contém muitas informações. Nesse sentido, o modo como se construiu o texto, por padrão contínuo, facilita a compreensão do gênero.

e) Tirinha 5:



Na tirinha acima, o humor é observado pelo recurso de duplo sentido do verbo *dar*. Nesse caso, um aliado indispensável para a compreensão do humor é a linguagem não verbal, presente no segundo quadrinho, que mostra o rio em forma de mão e assim sugere o entendimento do sentido literal do verbo em questão.

Observemos em relação ao tema:

	TEMA	REMA
1	Intão, Zé Lelé! Esse rio	Dá peixe?
2	(esse rio)	Dá (peixe)

Essa tirinha mostra-se bastante breve, assim, as informações apresentam-se de modo bastante objetivo. Na primeira oração, observamos tema múltiplo, que traz uma expressão modalizadora (tema textual), um vocativo (tema interpessoal) e um sujeito (tema ideacional não marcado). O rema dessa oração expõe a única informação nova do diálogo. Na oração 2, temos um tema ideacional não marcado, implícito (esse rio). O rema apresenta uma informação dada, já que pode ser retomada a partir do rema da primeira.

Nessa tirinha, o humor do texto está ainda relacionado ao último rema, apesar de não se tratar de uma informação nova, mas de uma afirmação do rema anterior. Essa

relação com o último rema, porém, pauta-se nos recursos visuais que o acompanham, no caso, o rio, como sujeito agente, que entrega o peixe à personagem.

f) Tirinha 6:



Na tirinha 6, o riso é provocado por questões semânticas que vão além da gramática. Aqui o humor se dá por subentendido, ou seja, Chico Bento pode ter confundido as mãos de sua namorada Rosinha, com as de seu amigo Zé da Roça, porque suas mãos estavam ásperas.

Esse sentido cômico, como na maioria das tirinhas, só pode ser compreendido no último rema, quando a personagem Rosinha, em uma loja, pede creme para as mãos. Observemos no quadro:

TEMA	REMA
1 Adivinha quem é, Chico?	Hum... Zé da Roça.
2 (você) tem	Tem creme para as mãos?

Nessa tirinha, temos uma situação um pouco diferenciada, já que esta contém dois diálogos independentes. Na primeira oração, observamos um tema ideacional não marcado, nesse caso, composto de um verbo no imperativo, com sujeito posposto. O rema traz uma informação nova.

A segunda oração não se trata de uma continuação da primeira. Notamos aí, um tema ideacional não marcado, com sujeito elíptico. O rema contém uma informação nova. Também nessa tirinha, notamos padrão de progressão contínua.

Devemos, contudo, fazer uma pequena observação acerca das elipses contidas em várias tirinhas. Esse fato pode estar relacionado à quantidade reduzida de texto utilizada para se construir esse gênero textual. Daí a opção por elisões e temas “vazios”, contanto que não prejudiquem a compreensão das tiras.

## CONCLUSÕES

Como observamos nas tirinhas selecionadas, o humor está sempre relacionado ao rema, efeito esse causado por recursos como ambiguidade, subentendidos e, muitas vezes, pelo não compartilhamento de determinados conhecimentos de mundo pela personagem.

O fato do riso coincidir, muitas vezes, com a informação nova, é compreensível, já que esse tipo textual deve finalizar-se comicamente. É o momento em que a lógica do texto é quebrada, impossibilitando, assim, seu progresso, recaindo num impasse de humor.

Em relação à progressão temática, vimos que prevalece o padrão com tema contínuo, e tema ideacional, mesmo que apareçam outros adicionalmente; e a informação nova é sempre acrescentada ao rema. Isso pode ser atribuído ao fato das tirinhas conterem um texto de curta extensão, que impede a retomada do rema e otimiza o diálogo para uma compreensão mais objetiva pelo leitor, apoiando-se, como já explicitado, na linguagem não verbal contida nesse gênero.

Ressaltamos, aqui, a importância de uma abordagem dos diversos gêneros em sala de aula, para que o indivíduo obtenha as habilidades necessárias para exercer todo seu potencial linguístico numa sociedade letrada.

Nesse sentido, as tirinhas são mais uma opção, dentre os vários gêneros textuais que os alunos devem saber manejar. Quanto às tirinhas, é preciso que os alunos compreendam os recursos que visam ironizar alguma situação, bem como saibam inferir uma pressuposição ou subentendido, dentre outros recursos capazes de provocar risos.

Por fim, destacamos a grande importância da teoria de Halliday para a compreensão do gênero textual aqui estudado. A estrutura temática, mais particularmente, nos permite observar as marcas do discurso por meio da seleção de elementos da léxicogramática do Português. Sabemos que, para o interlocutor, o tema é primordial para a compreensão e interpretação da oração seguinte. No caso das tirinhas, observamos que o tema é predominantemente o ponto de contextualização, coincidindo com a informação dada; o rema, por sua vez, apresenta a informação nova, porém, muitas vezes, não compartilhada entre as personagens, impedindo, assim, a progressão temática do texto.

## REFERÊNCIAS

GALLOULCKYDIO, Flávia. O conto: uma abordagem funcional. In: A linguística sistêmico-funcional no quadro das grandes teorias linguísticas: propostas de aplicação. *Anais do XVI CNLF. Cadernos do CNLF*, vol. XVI, Nº 04, Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2012, p. 2052 – 2065.

GOUVEIA, C. A. *Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional*. Matraca 24. Vol. 16 jan./jun. 2009. Rio de Janeiro: UERJ, 2009, 13-47.

NEPOMUCENO, Terezinha. *Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*. Uberlândia, 2005, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Uberlândia.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOVELLINO, M. O. *Gramática Sistêmico-funcional e o Estudo de Imagens em Livro Didático de Inglês com Língua Estrangeira*. São Paulo: 33rd International Systemic Functional Congress, 2006, 373-403.

OLIVEIRA, Francimeire Cesário de. *A produção de significados no gênero tira em quadrinhos: um estudo da multifuncionalidade dos usos discursivos do E numa perspectiva funcionalista*. Pau dos Ferros, 2012, Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

QUITZAU, Luciana Amgarten. *Leitura de tirinhas em provas do vestibular UNICAMP: interpretação dos textos e das questões*. Campinas, 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.

VENTURA, Carolina S. M. e LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. O tema: caracterização e realização em português. *Direct Papers* 47. LAEL, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2002.

**Como citar este artigo:**

VIEIRA, Shirley. *A metafunção textual nos quadrinhos do Chico Bento*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. 307-324. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/dossie/palimpsesto19dossie01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507